



POLÊMICAS NO TEJO E ALÉM

Sandro Ornellas
UFBA

Os estudos literários contemporâneos têm buscado nas últimas décadas estratégias das mais diversas para poder abordar de forma original e inteligente os textos canônicos da história da literatura. Sem incorrer na repetição dos mesmos juízos que sobre eles a tradição crítica já enunciou e fixou, mas também sem ignorá-los, — o que, de resto, seria perder todo possível alcance pedagógico e crítico, — um dos métodos mais recorrentes, mas também um dos mais costumeiramente falhos na sua execução, é abordar essa crítica canônica de modo a lançar sobre o texto literário um olhar de esguelha, enviesado, que permita ao estudioso de hoje ler e revisar os principais textos e autores das tradições nacionais sem macaquear o que já foi dito, ao mesmo tempo em que arrisca reinterpretções sobre passagens e questões pontuais da obra. É exatamente o que faz Jorge Fernandes da Silveira, Professor Titular de Literatura Portuguesa da Universidade do Rio de Janeiro, em provocante livro de nome *O Tejo é um rio controverso (Antonio José Saraiva contra Luis Vaz de Camões)*, lançado em 2008 pela Editora 7 Letras, do Rio de Janeiro.

O livro de Jorge é um produto direto de suas pesquisas, pois aponta com clareza as principais linhas de força das reflexões que nele resultaram: a poesia lírica e épica de Luis de Camões e sua recepção ao longo do século XIX e, sobretudo, do XX. Formado por quatro ensaios que dialogam fortemente entre si, todos tratam da poesia de Camões, principalmente de *Os Lusíadas*, e de alguns de seus mais poderosos e recentes leitores no contexto português e brasileiro. Os capítulos 1. “Sem as pe(r)nas do povo, o real e a análise: o

Crítico (Saraiva) e o Poético (Cesário)”, 2. “Da recepção da literatura entre Portugal e Espanha: Antonio José Saraiva leitor d’Os Lusíadas e do Quixote” e 4. “Entre as raízes e o labirinto: Camões no Caminho de Santiago” se concentram na importantíssima e já modernamente canônica leitura que Antonio José Saraiva fez de Camões ao longo de inúmeros ensaios em sua obra, e que têm no livro *Luis de Camões: estudo e antologia*, de 1959, (Cf. SARAIVA, 1972) a condensação das suas famosíssimas teses sobre a contradição central d’Os Lusíadas. Já o capítulo 3. “Pra seu governo — O ‘Diálogo com Portugal’ hoje segundo quatro novos poetas brasileiros: Leonardo Gandolfi, Luis Maffei, Mauricio Matos e Sérgio Nazar David” aborda os quatro jovens poetas do título como exemplo e índice de um destacado interesse renascido pela literatura portuguesa nas universidades brasileiras, mormente nas do Rio de Janeiro, depois do projeto modernista de formação de uma literatura brasileira, levado a cabo no ambiente universitário exemplarmente por Antonio Candido, de quem ele toma a expressão do título “Diálogo com Portugal”, usado no livro *Literatura e sociedade*, de 1965 (Cf. SILVEIRA, 2008, p. 62).

A escrita ensaística de Jorge Fernandes é absolutamente peculiar. Como o próprio afirma sem qualquer vontade de ironia em outro de seus livros, *Lápide & versão: ensaios sobre Fiama Hasse Pais Brandão* (Cf. SILVEIRA, 2006), ele é um “leitor menor”, no sentido de não fazer grandes e exaustivos trabalhos monográficos sobre tema, obra e/ou autor. Gosta de abordá-los pelas beiradas, pontualmente e de viés, montando a partir deles, e para melhor iluminá-los, uma ampla rede intertextual que só ressalta o seu método de agudíssimo leitor de poesia e de poetas portugueses, mas não apenas. Os ensaios são dotados de coerência teórica, inteligência crítica, erudição e, por último, mas não menos importante, estilo ímpar para produzir ensaios de grande intertextualidade, confrontando textos de poetas e críticos diversos para testar suas próprias hipóteses críticas. Na Introdução do seu livro *Verso com verso* (Cf. SILVEIRA, 2003), Jorge diz que se trata de pôr poetas para “conversar”, num método livremente baseado no dialogismo bakhtiniano. Mas, ao mesmo tempo, sua hipótese principal se parece com o que Harold

Bloom chamou de *desleitura* (Cf. BLOOM, 1996), com Saraiva no papel de efebo diante da sombra do Pai, Luis de Camões.

É como grande e preparado polemista que Jorge entende Antonio José Saraiva. Suas teses marcam época nos estudos camonianos do século XX, e o desafio do professor brasileiro em confrontá-las seria de antemão temerária, se Jorge não fosse destro analista, atento tanto às sutilezas dos versos quanto aos contextos e pretextos da crítica. Confrontando afirmações de Saraiva como a de que “a visão histórica [de Camões] é mais estreita e convencional, não só que a de Fernão Lopes, mas que a generalidade dos cronistas do século XVI em que teve de se basear” (SARAIVA *apud* SILVEIRA, 2008, p. 18), Jorge critica o “realismo objectivista” do crítico português, apontando ser ele muito mais fruto da perspectiva marxista e neo-realista de um intelectual português em luta contra a ditadura salazarista do que efetivamente um demérito da possível “abstracção incapaz de conjuntivar carnalmente as proezas sucessivas dos guerreiros” (SARAIVA *apud* SILVEIRA, 2008, p. 14), como afirma Saraiva a propósito d’*Os Lusíadas*. É precisamente essa uma das teses de Saraiva: a ausência de paixão e humanidade nos heróis da epopeia, sendo elas deslocada para os deuses que se movem e batalham apaixonadamente. A ênfase camoniana na “abstracção”, em possível detrimento da história e de um maior cuidado com “os povos do reino”, como faz Fernão Lopes para Saraiva, é duramente criticada pelo intelectual marxista, que afirma, em destaque de Jorge: “é justamente disso que se sente falta em *Os Lusíadas*” (SARAIVA *apud* SILVEIRA, 2008, p. 14), ou seja, da história viva do povo. As teses de Saraiva vão levá-lo a comparar o épico com o Quixote de Cervantes, em prol deste, que ele enxerga como um típico herói problemático - tão elogiado por Georg Luckács, que segundo Jorge é a base teórica para as críticas de Saraiva aos personagens camonianos — e exemplo de crítica moderna aos ideais aristocráticos da Idade Média (a “ideologia oca”), de que Camões, ao contrário, parece não se distanciar suficientemente, adotando-lhe a fé cruzada.

Transitando de modo arguto pelas teses de Saraiva, tensionando-as com outras leituras do épico, como as de Jorge de Sena, Cleonice Berardinelli,

Antonio Sérgio e Vilma Arêas, Jorge dialoga simultaneamente com o crítico e com o poeta, friccionando-os e argumentando, não necessariamente contra o primeiro, mas visivelmente a favor do segundo, e com o claro intuito de valorizar o poeta e o poema diante das leituras engendradas por historiadores. Afirma Jorge que “a favor d’*Os Lusíadas* são priorizados procedimentos de caráter cultural e literário. Sérgio e Saraiva, ao contrário, valorizam as ações de interesse histórico-social” (SILVEIRA, 2008, p. 113): é o que se entende no quarto e último ensaio do livro, em que Jorge cruza habilmente redes múltiplas de leituras: considerações do crítico brasileiro Silviano Santiago sobre Sérgio Buarque de Hollanda, que retoma interpretações de Saraiva e Antonio Sérgio sobre o Vasco da Gama histórico e *Os Lusíadas*, são reaproveitadas por Jorge para ler as teses de Antonio José Saraiva sobre o épico camoniano, Jorge também mobiliza poetas portugueses contemporâneos como Ana Luísa Amaral, Paulo Teixeira e Gastão Cruz, que fazem de Camões um incontornável lugar (o Adamastor?) produtor de “um sujeito (de forma) ambivalente, um ‘homem de palavras’ [...] entre o histórico e o literário: *Os Lusíadas*” (SILVEIRA, 2008, p. 121). Mas é com Cesário Verde que Jorge compartilha a certeza de que quem mais sai perdendo com desconcerto pelo qual *Os Lusíadas* pintam Portugal é o próprio poeta Luis de Camões, pois o desconcerto do país no poema implica no desconcerto do próprio poema, que persiste como poderosíssimo labor da imaginação poética — para além das rigorosas leituras sócio-históricas a que foi submetido ao longo dos tempos. Afirma Cesário em *O sentimento dum ocidental* que “Nas nossas ruas, ao anoitecer, / Há tal soturnidade, há tal melancolia, / Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia / Despertam-me um desejo absurdo de sofrer. // [...] // E evoco, então, as crônicas navais: / Mouros, baixeis, herois, tudo ressuscitado! / Luta Camões no Sul, salvando um livro a nado! / Singram soberbas naus que eu não verei jamais!”.

No discurso d’*Os Lusíadas*, o desconcerto do país e a incompreensão do poeta, que Jorge Fernandes da Silveira busca resgatar neste livro de leitor apaixonado e percuciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Harold. *Um mapa da desleitura*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

SARAIVA, Antonio José. *Luis de Camões: estudo e antologia*. 2. ed. rev. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972.

SILVEIRA, Jorge Fernandes da. *Lápide & versão: ensaios sobre Fiama Hasse Pais Brandão, seguido de Memorial de Pedra, antologia*. Rio de Janeiro: Bruxedo, 2006.

_____. *Verso com verso*. Lisboa: Angelus Novus, 2003.

_____. *O Tejo e um rio controverso* (Antonio José Saraiva contra Luis Vaz de Camões). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.